

CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura
N.º 17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2245-9344

CÔA Economia,
Ciência e Cultura
Visão₁₇

CÔAVISÃO 17

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

DESIGN GRÁFICO

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

IMPRESSÃO

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.
Vila Nova de Foz Côa

DEPÓSITO LEGAL

978-972-872-8763-20-6

ISBN

978-972-8763-23-7

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos
Fotografia de António Martinho Baptista

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2015

PERIODICIDADE

Anual

Índice

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
OS COORDENADORES	
ECONOMIA	10
Falhas Institucionais e Científicas da Crise da Filoxera - 1863-1893	
El desarrollo de los ferrocarriles peninsulares transfronterizos con la provincia de salamanca	28
Usos e propriedades da amêndoa	36
Pensar no presente, o futuro do Parque Arqueológico/Museu do Côa no horizonte 2020	42
As pedreiras romanas do Salgueiro	94
Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)	100
Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)	108
Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa	120
O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS),	132
CIÊNCIA	52
O Carril Mourisco	
O traçado romano de uma grande rota contemporânea	
As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço	80
CULTURA	171
Banda musical de Freixo de Numão – 1865 – 2015 150 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA	
Armando Martins Janeira e o pensamento colonial	181
Adventino Fachada, um artista da história local	183
Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I	187
Criar destruindo: a arte de Vihils	245

Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)

João Muralha Cardoso*

Resumo

A organização de um glossário sobre técnicas e materiais construtivos e pormenores elaborativos de uma arquitectura prende-se com a necessidade de se reflectir sobre um conjunto de termos, geralmente aplicados sem definição conceptual e sentido crítico. As definições apresentadas são resultado de vários anos de trabalho de campo e de discussões entre uma vasta equipa.

Palavras-chave

Castanheiro do Vento; 3º e 2º milénio a.c.; Técnicas construtivas; Glossário.

O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, Concelho de Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda. Segundo a Carta Militar de Portugal, à escala 1:25.000 (folha 140) e recorrendo a um ponto central, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41°03'49" Lat.N.; 07°19'18" Long.W.Gr. Em trabalhos anteriores, tivemos oportunidade de descrever o sítio, e discutir um conjunto abrangente de temáticas para os quais remetemos o leitor, (Cardoso 2010, 2012, 2014; Jorge, Muralha, Pereira, Vale e Coixão 2005; Vale 2011). A escavação arqueológica em Castanheiro do Vento iniciou-se em 1998. Logo no seu começo e tendo em conta a experiência acumulada dos trabalhos de campo em Castelo Velho de Freixo de Numão (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) (Jorge S. 2005), os coordenadores da intervenção cedo sentiram, que a utilização de uma nomenclatura acrílica geralmente atribuída às estruturas destes sítios, teria que ser discutida. A reflexão em torno de estruturas arqueológicas, dados de campo e o próprio questionário que cada arqueólogo transporta consigo, poderiam trazer novos argumentos interpretativos a estes sítios arqueológicos. Desde logo uma observação fundamental; a aplicação da designação "povoados

fortificados" que enclausura o pensamento e poderia determinar a acção de campo, isto é, a escavação.

A organização de um glossário deste tipo prendia-se desta forma com a necessidade de se

encontrar um conjunto de termos comuns a quem trabalhava e continua a trabalhar neste tipo de sítios (pelo menos no âmbito desta área geográfica). Pretende igualmente contribuir para um debate sobre conceitos que se movimentam na área das "técnicas construtivas" e nas tipologias de carácter estrutural, ou seja, as estruturas que conformam o sítio arqueológico.

Vítor Oliveira Jorge em 2006, ensaiou uma primeira aproximação a este tipo de terminologia, com contribuições de João Muralha Cardoso, Ana Vale, Gonçalo Leite Velho e Leonor Sousa Pereira (Jorge 2006:241-246).

Uma segunda publicação surge em forma de anexo na dissertação de doutoramento do autor deste texto. Apresentava um conjunto de propostas a nível tipológico das principais estruturas escavadas no sítio e abria novas entradas associadas à conformação arquitectónica de Castanheiro do Vento. Esse texto reflectia sobre os trabalhos de campo efectuados até 2006. De então para cá, novos elementos foram surgindo, novas dúvidas foram partilhadas e diferentes reflexões emergiram dessa partilha. Impunha-se uma actualização do glossário. As campanhas arqueológicas subsequentes, a escavação de novas estruturas, o aparecimento de um novo murete e a reflexão inerente ao próprio trabalho de campo, tornou imperativa esta actualização.

GLOSSÁRIO

Afloramento – elemento rochoso muitas vezes conservado pela "arquitectura" do local, e outras vezes integrado na mesma.

Água – elemento fundamental (em conjunto com a terra/argila, a pedra e materiais arbustivos), das técnicas de conformação do sítio.

Área de combustão – designação que corresponde a um aproveitamento posterior das bancadas de pedra e lajes que o sítio constituía. Este aproveitamento aconteceu apenas em algumas

*
CEAACP (Centro de Estudos em Arqueologia, Arte e Ciências do Património)
Bolsheiro de pós doutoramento da FCT.

áreas, individualizáveis, onde foram detectadas muitas lajes rubefactas. Estas áreas nunca são inferiores a 2,00 m por 1,00 m.

Argila – ver Terra

Barro de revestimento – ver Terra.

Bastião – palavra utilizada apenas com conotações morfológicas, e não funcionais): unidade anexa aos muretes, produzindo o efeito de protuberância externa nas paredes, e, como referido acima, convencionalmente designada “bastião” na tradição interpretativa “militarista”. Estas estruturas, detectadas em Castanheiro do Vento, podem ser de diversos tipos:

Tipo I de *bastiões* – *Bastião* sem lajes de xisto azul na sua composição, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 600mm, com um predomínio da medida 201 a 400mm (75%), os seus componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto e argila, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e não facetadas, o vão de entrada é menor que 2,90m a sua profundidade situa-se entre os 2,5m e os 3,20m, a média das espessuras é de 1,00m e a sua área situa-se entre os 4m² e os 6,5m². Este tipo de “bastião” corresponde aqueles denominados A, B, C e D, ou seja, todos os localizados no murete 1.

Tipo II de *bastiões* – *Bastião* sem lajes de xisto azul na sua composição, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 401 e 600mm (100%), os seus componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto e argila, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e não facetadas, o vão de entrada é inferior a 3,10m a sua profundidade situa-se entre os 1,50m e os 1,80m, a média das espessuras é de 1,30m e a sua área situa-se entre os 4,30m² e os 5,30m². Este tipo de “bastião” corresponde aos E e F, implantados no recinto secundário.

Tipo III de *bastiões* – *Bastião* sem lajes de xisto azul na sua composição, tem uma dimensão modal dos seus elementos muito abrangente entre 201 e maior que 600mm, com predomínio da dimensão D3, os seus componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto, argila, quartzo e granito, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e não facetadas, o vão de entrada nunca é inferior a 4m, indo até um máximo de 7,10m, a sua

profundidade situa-se entre os 2,80m e os 3,50m, a média das espessuras é de 1,32m e a sua área situa-se entre os 10m² e os 15m². Este tipo corresponde aos “bastiões” G, I, M, N, P, R, todos implantados no murete 2 e ainda três “bastiões” do murete 3. A definição deste tipo atendeu a dois aspectos específicos; a sua área situar-se no intervalo dos 10 a 15m², e a medida do vão de abertura ser sempre maior à profundidade, assemelhando-se a uma figura geométrica semi-circular com um vão de acesso ao seu interior bastante amplo.

Tipo IV de *bastiões* – *Bastião* que numa percentagem baixa (25%) pode ter lajes de xisto azul na sua composição, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 600mm, com predomínio da dimensão D3 (75%), os seus componentes de configuração arquitectónica são o conjunto de todos estes elementos detectados em Castanheiro do Vento, constituídos pelo xisto, argila, quartzo, granito e afloramento rochoso, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e não facetadas, o vão de entrada nunca é inferior a 4,80m, indo até um máximo de 5,80m, a sua profundidade situa-se entre os 3,30m e os 4,60m, a média das espessuras é de 1,48m e a sua área situa-se entre os 17m² e os 20m². Este tipo corresponde aos “bastiões” J, K, Q e S, correspondentes a estruturas pertencentes ao murete 2.

A definição deste tipo atendeu principalmente, a três aspectos específicos; a sua área situar-se no intervalo dos 17 a 20m², a média das espessuras ser a mais elevada de todas as estruturas em análise e a medida do vão de abertura ser sempre maior à profundidade, embora em valores comparativos mais pequenos do que o tipo descrito em cima.

Tipo V de *bastiões* – *Bastião* que numa percentagem importante (50%) pode ter lajes de xisto azul na sua composição, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 400mm (D3 a 100%), os seus componentes de configuração arquitectónica são a 100% constituídos pelo xisto, argila e quartzo, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e não facetadas, o vão de entrada nunca é inferior a 4,30m, indo até um máximo de 7,60m, a sua profundidade situa-se entre os 3,50m e os 6,00m, a média das espessuras é de 1,41m e a sua área situa-se entre os 21m² e os 31m². Este tipo corresponde aos “bastiões” H, L, T e U, que

correspondem a “bastiões” pertencentes ao murete 2. A definição deste tipo atendeu principalmente, a três aspectos específicos; a sua área situar-se no intervalo dos 21 a 31m², a dimensão modal dos seus elementos inserir-se unicamente na categoria D3, e os seus elementos constitutivos serem apenas o xisto, a argila e o quartzo, este último em grandes quantidades.

Buracos de poste – micro-estrutura delimitada por pedras e que poderiam servir de sustentação de traves verticais.

Contraforte – reforço exterior de uma estrutura, onde é utilizado um complexo sistema imbricado de pedra/lajes e terra (ver sistema de contrafortagem). A sua variabilidade é elevada, pois depende do tamanho da estrutura, da sua implantação espacial e do declive do terreno. O contraforte de uma estrutura, muitas vezes, faz parte de um talude no qual se insere (ver talude).

Contrafortagem – Ver Sistema de Contrafortagem

Cunhas – conjunto de pequenos elementos constituintes da configuração do sítio arqueológico dos quais podemos destacar a colocação de pequenas lajetas em cunha entre os pequenos vãos existentes entre as lajes, quer na sua estruturação vertical, quer horizontal, o emprego de fragmentos cerâmicos, muito deles “talhados”, inseridos nos embasamentos dos muretes e bastiões e a inclusão de percutores em quartzo nas frestas entre lajes do embasamento.

Estrutura – espaço relativamente circunscrito, delimitado por lajes de xisto e/ou grauvaque, por elementos de moinho fracturados ou não, ou delimitado por buracos de poste. A sua planta não é padronizada, apresentando por vezes um desenho circular, sub-circular ou ovóide. As suas dimensões são diversas.

Estruturas circulares e estruturas circulares geminadas – são espaços relativamente circunscritos, delimitados por lajes de xisto fincadas e/ou inclinadas (não há uma delimitação clara em forma de “parede” externa). Podem apresentar uma planta circular ou sub-circular.

Tipo I – Estruturas circulares. Definem-se pela sua forma circular ou sub-circular. Podem ser de três subtipos:

Subtipo Ia – Os seus elementos têm uma dimensão modal entre os 201mm e os 600mm, os seus componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto, argila, e granito, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas (a 40%) e não facetadas

(a 60%). A forma oscila igualmente pela circular (40%) e sub-circular (60%). A área destas estruturas situa-se entre o 1,92m² e 3,96m². Este foi o principal critério definidor deste subtipo, a área destas estruturas é sempre inferior a 4m².

Subtipo Ib – Os seus elementos têm uma dimensão modal entre os 201mm e os 600mm, os seus componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto, argila, e granito, e quartzito, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas (a 33%) e não facetadas (a 66%). A forma oscila igualmente pela circular (66%) e sub-circular (33%). A área destas estruturas situa-se entre o 4,83m² e 5,29m². Este foi o principal critério definidor deste subtipo, a área destas estruturas situa-se entre os 4m² e os 6m². Este subtipo corresponde às estruturas 4, 14 e 20.

Subtipo Ic – Os seus elementos têm uma dimensão modal muito variável, entre os 201mm e maior que os 600mm, os seus componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo xisto, argila, e granito a 100%, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas (a 66%) e não facetadas (a 33%). A forma oscila igualmente pela circular (66%) e sub-circular (33%). A área destas estruturas situa-se entre o 6,37m² e 9,9m². Este foi o principal critério definidor deste subtipo, a área destas estruturas ser superior aos 6m². Este subtipo corresponde às estruturas 5, 15 e 21.

Tipo II – Conjunto de duas estruturas circulares geminadas. Definem-se pela sua forma circular e por uma elevada padronização. Podem ser de dois subtipos consoante a sua área interna.

Subtipo IIa – Os seus componentes de configuração arquitectónica são o xisto e a argila, os seus elementos têm uma dimensão modal, entre os 201mm e os 400mm, as lajes são todas facetadas e a área não excede os 3,00m². Este subtipo muito padronizado corresponde às estruturas geminadas 11 e 13.

Subtipo IIb – Os seus componentes de configuração arquitectónica são o xisto, a argila e o granito, os seus elementos têm uma dimensão modal, entre os 401mm e os 600mm, as lajes são todas facetadas e a área não situa-se entre os 4,0m² e os 5,5m². Este

subtipo muito padronizado corresponde às estruturas geminadas 23 e 24.

Tipo III – Conjunto de três estruturas circulares geminadas. Definem-se pela sua área interna, pois os dois subtipos encontrados mostram alguma variabilidade.

Subtipo IIIa – Este subtipo apresenta alguma variabilidade entre os dois conjuntos de estruturas geminadas. Os seus componentes de configuração arquitectónica são o xisto, argila, granito, quartzo e afloramento rochoso. Os seus elementos têm uma dimensão modal, entre uma medida menor que os 201mm e os 600mm, as lajes são todas facetadas a 64% e não facetadas a 38%. A área não excede os 4,00m², existindo apenas uma excepção, a estrutura 17, de forma oval que apresenta uma área de 8,64. Este subtipo corresponde às estruturas geminadas 1, 2 e 6 e 17, 18 e 19. Subtipo IIIb – Os seus componentes de configuração arquitectónica são o xisto, a argila e o granito. Os seus elementos têm uma dimensão modal, medida menor que os 201mm, as lajes são todas não facetadas. A área situa-se entre os 5,0m² e os 7m². Este subtipo corresponde às estruturas geminadas 7, 8 e 9.

Estruturas de colmatação/oclusão – geralmente descritas na literatura arqueológica como estruturas de condenação. Fecho estruturado, ou oclusão com pedras, de unidades arquitectónicas antes “ocas”, como sejam estruturas de tipo “bastiões” e passagens. Traduz-se na “petrificação” das mesmas ao nível do seu embasamento pétreo. Denota uma ideia efectiva, deliberada, de protecção/fecho/oclusão, uma intencionalidade arquitectónica de manifestar uma ruptura, uma modificação material e conceptual do espaço. Podem ser de diversos tipos.

Tipo I – Petrificação (enchimento) quer de espaços outrora aberto, quer de estruturas massivas. Esta acção consiste na colocação/”deposição” de várias lajes, em algum dos casos de tipo diferente das utilizadas na construção das estruturas. A diferença ocorre a nível da dimensão e a nível do tipo de elementos pétreos escolhidos. Podemos definir dois subtipos:

Subtipo Ia

- Petrificação de um espaço aberto. Este subtipo ocorre na colmatação dos “bastiões” do murete 1, à excepção do “bastião” D. Os “bastiões” dos outros muretes que foram escavados até esse nível, não apresentaram colmatações deste tipo. São lajes de grandes dimensões, entre 0,60 m e 1,20 m, de xisto azulado não existente no local. Outra característica única é a sua não utilização na concepção

dos muretes. Esta situação, foi igualmente detectada em Castelo Velho de Freixo de Numão, remete-nos, obviamente, para outras explicações que não a simples existência de derrubes.

Subtipo Ib – Colocação de grandes lajes de xisto local nas áreas centrais de estruturas maciças. Estas lajes possuem dimensões superiores a 0,80 m e maioritariamente aparecem colocadas de lado, ou seja, não são postas na sua superfície maior e mais plana, mas sim de lado, e encaixadas entre outras. É o caso da pequena torre do murete 1. Neste caso não se pode falar em derrubes, pois as estruturas são maciças e as lajes encontram-se no seu interior.

Tipo II – Dissimulação intencional do vão interno em descontinuidades do murete. Estruturação de um alinhamento pétreo, constituído por lajes e blocos de grauvaque de dimensões menores do que os elementos constituintes do murete, unindo os vãos das “passagens”, dissimulando o seu fecho intencional. Este tipo de colmatação foi observado na passagem 4. É interessante notar que esta dissimulação construtiva existia apenas na área interna do recinto anexo. Para o seu exterior, a colmatação do vão, foi efectuada através de um enchimento de lajes e grandes blocos de xisto e grauvaque e uma grande quantidade de pedras e lajes de pequena dimensão, delimitados por uma laje fincada.

Tipo III – Colocação de lajes de xisto dispostas oblíqua e paralelamente.

Este tipo de colmatação apenas foi detectado duas vezes; no “bastião” D e na área Norte do recinto secundário. É constituído por lajes de xisto azulado (na sua grande maioria), e estreita, no primeiro caso, o acesso ao interior do bastião e no segundo caso, colmata uma pequena descontinuidade do murete do recinto anexo.

As lajes são de dimensões médias, entre 0,40 m e 0,60 m e são colocadas oblíqua e paralelamente, impedindo o acesso a um determinado espaço, ou preenchendo-o. Estas lajes são preferencialmente afeiçoadas em apenas um dos lados (ou seja, na área que ficava voltada ao interior da estrutura).

Subtipo IIIa – Deposição de lajes tipo “estela” de um xisto azulado e brilhante. Este subtipo foi detectado em duas passagens, a 5 e a 10. No primeiro caso foi colocado uma laje de dimensão

média 0,40 m por 0,25 m no interior da passagem junto à estrutura de estreitamento. No segundo caso, a passagem foi colmatada por um pequeno arco interno constituído por pequenas lajes de xisto local, na área mais próxima ao interior do recinto, e a deposição de duas lajes azuis tipo “estela”, no acesso a essa área. Juntamente com as lajes foram depositados fragmentos cerâmicos num pequeno nicho.

Tipo IV – Elaboração de um dispositivo em arco colmatando exteriormente uma passagem. Este tipo de colmatagem foi detectado apenas na passagem 2 e consiste na configuração de uma estrutura em arco que colmata completamente o acesso ao interior da área definida pelo murete 1. É composta por lajes de grande tamanho (0,50 m a 0,80 m) de formato sub-rectangular, completamente diferentes das lajes que estruturam o murete e que estreitavam a “passagem.” Junto ao murete, imbricava num conjunto de pedras muito bem estruturado.

Tipo V – Elaboração de um muro de ligação entre dois troços do murete ocluindo a passagem. Este tipo de colmatagem foi detectado apenas na passagem 6 e consiste na estruturação de um muro que através do seu posicionamento impede a passagem. É composta por lajes de tamanho médio a grande (0,40 m a 0,60 m) e é uma pequena estrutura murária adossada ao muro que provoca a oclusão da passagem.

Tipo VI – Elaboração de uma ou várias estruturas circulares, geminadas ou não, que posicionadas em frente às passagens, as colmatam. Este tipo de oclusão foi detectado apenas na passagem 12 e consiste na “construção” de duas estruturas circulares, neste caso geminadas, que dificultam, ou mesmo impedem o acesso à passagem. Este tipo foi igualmente detectado em Castelo Velho de Freixo de Numão nas passagens L1 e L2.

Estrutura de combustão – pequena estrutura, delimitada por pedras, e onde a presença de carvões ou outros elementos pode apontar para o facto de ter correspondido a uma área delimitada de combustão (ver **lareira**).

Estruturas de nivelamento – sedimento que terá servido de nivelamento sobre o qual assentaram outras estruturas, como “bastiões”, muretes, estruturas circulares e circulares geminadas. Até ao momento apenas foram identificadas estruturas de nivelamento em terra/argila.

Fossas – corresponde a uma depressão de dimensão variável, onde em plano, se nota uma alteração da

coloração/textura dos sedimentos de enchimento. Pode corresponder a uma depressão aberta em sedimentos subjacentes ou na própria rocha de base (caso do “bastião X”).

Fragmentos de lajes insculturadas – colocados no sítio, em pontos precisos e muito variáveis, contendo, ou picotados (por exemplo, covinhas), ou gravuras por abrasão, como por exemplo sinais fusiformes (caso da passagem 3).

Grandes Estruturas Circulares - Como as estruturas circulares, são espaços relativamente circunscritos, delimitados por lajes de xisto fincadas e/ou inclinadas (não há uma delimitação clara em forma de “parede” externa). No entanto diferenciam-se daquelas estruturas por constituírem-se em grandes áreas (sempre superiores a 30m²). Podem apresentar uma planta circular ou sub-circular. Possuem uma certa variabilidade construtiva ao nível dos materiais de configuração, embora o xisto e a terra sejam a matéria prima mais utilizada. Até hoje foram identificadas seis grandes estruturas circulares. Apenas duas foram escavadas integralmente. O seu espaço interno possui sempre micro-estruturas e/ou estruturas circulares e/ou circulares geminadas e os materiais cerâmicos são abundantes.

Lajes fincadas – ver **marcadores espaciais**.

Lareira – área de acumulação de carvões e/ou outros indícios de fogo concentrado, como a alteração na coloração de sedimentos, que nos faz admitir a presença de fogo e/ou a acumulação de produtos orgânicos dele provenientes. Diferencia-se de estrutura de combustão, por não apresentar elementos pétreos em seu redor.

Marcadores espaciais – são elementos pétreos que durante as diversas fases de elaboração, reformulação, e/ou alteração do conjunto da estrutura arquitectónica que é o sítio, foram colocados/depositados em determinados locais específicos da estação arqueológica. Tendo em consideração a sua variabilidade morfológica e a sua colocação num determinado espaço podemos definir três tipos de marcadores espaciais:
Tipo 1 – Marcador espacial associado a elementos pétreos que inscrevem um sentido de carácter definidor de espaços, como alterações estruturais,

individualização de um troço de murete ou de muro e marcação de espaços precisos. Podemos subdividi-las em três tipos:

Tipo 1a – Elementos pétreos que se localizam no interior de estruturas.

Tipo 1b – Elementos pétreos que se localizam na intersecção de estruturas e ou linhas estruturais.

Tipo 1c – Elementos pétreos que se localizam no exterior de estruturas.

Tipo 2 – Marcador espacial associado a elementos pétreos que inscrevem um sentido de carácter elaborativo/configurativo do dispositivo arquitectónico. Podemos subdividi-las em dois tipos:

Tipo 2a – Deposição de determinados elementos pétreos, misturados com os componentes internos de construção das estruturas.

Tipo 2b – Colocação de elementos pétreos como indicação de final e/ou início de uma estrutura.

Tipo 3 – Marcador espacial associado apenas a um tipo de elemento pétreo; lajes de xisto de cor azul, tipo “estela”. Este marcador parece inscrever sentidos de múltiplos propósitos, pois a sua colocação/deposição no espaço do sítio parece ser muito abrangente, quer ao tipo de espaço/estrutura a que está associado quer à sua localização específica. Das seis ocorrências, está associado a intersecções de estruturas, sejam estruturas circulares, bastiões, troços de muros; está junto a linhas definidoras de grandes estruturas, caso do talude norte; encontra-se no interior de estruturas, como bastiões e passagens e surge misturado com componentes internos de construção das estruturas.

Material arbustivo/arbóreo – elemento de configuração do sítio e de elaboração de artefactos.

Micro-estruturas – pequenas unidades espaciais, de tipo “nicho”, que não criam espaços de circulação, mas surgem antes como pequenos elementos organizadores do espaço interno das estruturas de tipo “bastião” e das grandes estruturas circulares (as únicas escavadas com algum detalhe até agora). Elaboradas com elementos de moinhos manuais (dormentes) ou lajes de xisto (afeiçoadas ou não). Por exemplo, os “nichos” existentes nos “bastiões” A, D, ou F. Em publicações de outros autores, referentes a

estações arqueológicas morfologicamente comparáveis, tendem a ser “lidos” comolareiras, ou pequenos locais para guardar certos produtos. Ocorrem isoladas ou em grupo/geminadas. Micro-estruturas geminadas – ver micro-estruturas.

Murete – alinhamento pétreo, constituído por duas faces. Construído à base de lajes de xisto, apresenta normalmente 1,2m de largura. No decorrer dos trabalhos arqueológicos distinguiram-se vários tipos de muretes. Na nomenclatura clássica (interpretação de carácter militarista) aparece como “muralha”.

Tipo I de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são apenas o xisto e a argila, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201mm e 400mm, não possui qualquer laje de xisto azul na sua elaboração, as lajes componentes das linhas definidoras externa e interna de cada troço são maioritariamente facetadas e tem uma largura inferior a 1,30m. Este tipo de murete corresponde ao Murete 1, à excepção do troço M1d.

Tipo II de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são o xisto, a argila e o quartzo, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201mm e 600mm, não possui qualquer laje de xisto azul na sua elaboração, as lajes componentes das linhas definidoras externa e interna são facetadas e não facetadas em todos os troços e tem uma largura mínima de 1,50m e máxima de 1,80m. Este tipo de murete corresponde ao Murete 3.

Tipo III de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são diversificados, constituídos pelo xisto, argila, quartzo e granito, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 600mm, com um predomínio da medida 401 a 600mm (60%), não possui qualquer laje de xisto azul na sua elaboração, as lajes componentes das linhas definidoras externa e interna de cada troço são maioritariamente facetadas e tem uma largura mínima de 1,30 e máxima de 1,70m. Este tipo de murete corresponde ao murete 2, à excepção do troço M2g.

Tipo IV de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são constituídos pelo

xisto, argila e quartzo com um predomínio do xisto e argila (68%), tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 600mm, com um predomínio da medida 401 a 600mm (68%), não possui qualquer laje de xisto azul na sua elaboração, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa todas facetadas e tem uma largura mínima de 1,30 e máxima de 1,60m. Este tipo de murete corresponde ao recinto secundário.

Tipo V de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são constituídos apenas pelo xisto e argila, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 400mm, não possui qualquer laje de xisto azul na sua elaboração, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa facetadas e outras não facetadas e tem uma largura igual ou superior a 2,00m. Este tipo corresponde ao troço de murete M1d.

Tipo VI de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são constituídos apenas pelo xisto, argila e granito, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 401 e 600mm, não possui qualquer laje de xisto azul na sua elaboração, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa facetadas e outras não facetadas e tem uma largura igual ou inferior a 1,10m. Este tipo corresponde apenas ao troço de murete M2g.

Tipo VII de murete – Murete cujos componentes de configuração arquitectónica são constituídos apenas pelo xisto e argila, tem uma dimensão modal dos seus elementos entre 201 e 600mm, possui lajes de xisto azul na sua elaboração, tem lajes definidoras das suas linhas interna e externa facetadas e outras não facetadas e tem uma largura igual ou superior a 1,50m. Este tipo corresponde apenas ao murete M4.

Murete 1 – o Murete 1 (M1) tem 75,7 m lineares, incluindo os “bastiões”. Largura média de 1,21 m, a maior largura é 1,40 m e a menor é 0,70 m. Tem 3 passagens, duas delas bem definidas em processo de escavação, e outra (P3), apenas definida no seu lado Norte. Este murete no seu ponto mais a Norte desaparece e provavelmente integra-se numa grande estrutura que tem o seu início na área onde o terreno inicia um forte declive, à qual demos o nome de talude, mas apenas escavado numa pequena área (36 m²). Seria o murete mais excêntrico do sítio.

Murete 2 – o Murete 2 (M2) tem 287,70 m lineares de construção. A sua largura média é de 1,57 m senda a máxima de 1,70 m e a mínima de 1,10 m. Incorpora onze “bastiões” e seis passagens. No estado actual da

investigação, este murete tem uma forma elíptica e parece desencontrar-se ou terminar a sul sem compor uma forma fechada.

Murete 3 – o Murete 3 (M3) tem 103,10 m lineares de construção. A largura média é de 1,42 m sendo a maior largura de 1,80 m e a menor 1,00 m. Possui duas entradas e seis “bastiões”, embora um deles (BO), tenha sido cortado no seu prolongamento Norte. Aparentemente este murete inflecte para Norte em direcção à Torre Principal.

Murete 4 – o Murete 4 (M4) tem 15,80 m lineares de construção. A largura média é de 1,69 m sendo a maior largura de 1,80 m e a menor 1,50 m. Possui apenas uma entrada e o seu prolongamento Oeste apresenta-se muito destruído, deixando de existir. Se hipoteticamente este murete continuasse poderia entroncar no M3.

Muro – estruturas geralmente sub-rectangulares, “construídas” entre muretes ou como muros anexos a “bastiões” ou troços de muretes.

Nichos – ver **micro-estruturas**.

Nível estratigráfico – conceito puramente operativo com um carácter provisório e não generalizável a toda a área intervencionada, A sua descrição terá que ser entendida como provisória e como instrumento de trabalho.

Passagem – interrupções intencionais, arquitectadas, nos muretes, que permitem a ligação entre interior/exterior de espaços aparentemente indiferenciados, funcionando também como pontos críticos de onde se pode observar o interior do recinto ou o exterior da paisagem, conforme o ponto de vista em que nos coloquemos. Em termos morfológicos denotam grande variabilidade e tendo em conta esse factor optou-se por definir uma tipologia através de uma análise de carácter mais qualitativo, em ordem a uma morfologia mais ou menos monumental das passagens onde se privilegiou elementos como a identificação de patamares de acesso à passagem, a existência de delimitação de um espaço de aproximação à passagem, presença de estruturas de estreitamento, a deposição de lajes de xisto azul e a colocação de grandes lajes de xisto, provavelmente ao alto, reduzindo o acesso e

monumentalizando-o ao mesmo tempo. Sugerimos assim a seguinte tipologia.

Tipo I de passagens – Passagens que representam descontinuidades nos troços de murete, sem uma configuração aparente de monumentalidade. Assemelham-se a incisões com larguras intermédias entre os 0,50 m e 1,70 m. Os seus elementos constituintes são bastante diversificados, o xisto e a argila, associados quer ao quartzo (60% as passagens), quer ao quartzo e granito (20%), assim como a dimensão modal desses elementos, que abrangem as categorias, desde o D1 (menos que 200 mm) até ao D3 (entre 400 mm e 601 mm). As lajes utilizadas na sua configuração encontram-se completamente facetadas numa percentagem de 60% e as restantes encontram-se facetadas e não facetadas. Não existem lajes de xisto azul na sua configuração. As larguras intermédias deste tipo de passagem, como já vimos, situam-se entre os 0,50m e 1,70 m com um coeficiente de variabilidade de 43%, o comprimento situa-se entre o 1,10 m e 1,60 m com um coeficiente de variabilidade de 12,7% e a área entre 0,70 m² e 2,40 m² com um coeficiente de variabilidade de 37%. Este tipo corresponde às passagens 1, 7, 8, 9, e 14.

Este tipo de passagem possui um subtipo.

Subtipo de passagem Ia – Define-se pela grande variabilidade de elementos constituintes; xisto, argila, quartzo, granito e cerâmica. Estão agrupados na categoria D4 que corresponde a mais de 601 mm, as suas lajes definidoras da configuração estão completamente facetadas, encontra-se colmatada por uma estrutura de oclusão com duas lajes de xisto azul e o seu comprimento é relativamente maior que as outras passagens deste tipo; 2,15 m. Corresponde à passagem 10 no murete 2, localizada na área Norte do sítio.

Tipo II de passagens – Passagens que têm estruturas de estreitamento que representam uma diminuição da área interna e uma constrição à passagem. Os seus elementos constituintes são, o xisto, a argila e o quartzo (100% das passagens). A dimensão modal dos elementos corresponde à categoria D2 (entre 201 mm e 400 mm). As lajes utilizadas na sua configuração encontram-se completamente facetadas numa percentagem de 100%. Existe uma laje de xisto azul na configuração do corredor de acesso de uma passagem. As larguras intermédias deste tipo de passagem, são de 0,65 m, o comprimento situa-se entre o 1,65 m e 3,20 m e a área entre 1,07 m e 2,08 m. Este tipo corresponde às passagens 2 e 5.

Subtipo de passagem IIa – Define-se pelos elementos constituintes serem apenas o xisto e a argila, estando agrupados na categoria D3 que corresponde a elementos entre 401 mm e 600 mm, as suas lajes definidoras da configuração estão completamente facetadas, e a sua morfologia construtiva ser bastante diferente de todas as outras passagens. Predomina a colocação de lajes definidoras das faces, na horizontal com grandes quantidades de argila entre elas. Uma outra divergência relaciona-se com a diferente orientação de uma das faces da passagem. Corresponde à passagem 13 no murete 2, localizada na área Norte do sítio.

Tipo III de passagens – Passagens onde foram identificados possíveis “patamares” de acesso”. Estes “patamares” seriam estruturas de base pétreas para vencer pequenas pendentes. São constituídos por lajes de xisto afeiçãoadas, dispostas em semicírculo, em torno do vão da “passagem”. Os seus elementos constituintes dividem-se pela associação xisto, argila e o quartzo e xisto, argila e granito. A dimensão modal dos elementos também se divide pela categoria D2 (entre 201 mm e 400 mm) e D3 (entre 401 mm e 600 mm). As lajes utilizadas na sua configuração encontram-se repartidas por um facetamento completo e por lajes facetadas e não facetadas. Não existem lajes de xisto azul na sua configuração. As larguras intermédias deste tipo de passagem, situam-se entre 2,00 m e 2,60 m, o comprimento situa-se entre o 2,00 m e 5,00 m e a área entre 4,00 m e 13,00 m. Este tipo corresponde às passagens 4 e 11.

Tipo de passagem IV – Passagem onde foi identificada uma área bem delimitada de acesso à passagem, não com “patamares”, mas sim com uma delimitação do espaço através de um “corredor” formado por lajes e blocos de xisto. Define-se pelos elementos constituintes serem apenas o xisto e a argila, estando agrupados na categoria D2 que corresponde a elementos entre 201 mm e 400 mm, as suas lajes definidoras da configuração estão completamente facetadas, e não possuem na sua configuração qualquer laje de xisto azul. Corresponde à passagem 6 no murete 2, localizada na área Este do sítio.

Tipo de passagem V – Passagem onde na sua configuração parece existir uma forma de

marcação espacial através da colocação de grandes lajes de xisto, provavelmente erguidas. Define-se pelos elementos constituintes serem o xisto, a argila, o granito e a cerâmica, estando agrupados na categoria D2 que corresponde a elementos entre 201 mm e 400 mm e as suas lajes definidoras da configuração não estão completamente facetadas. Corresponde à passagem 12 no murete 2, localizada na área Oeste do sítio.

Pedra – elemento configurativo do sítio. Utilizado principalmente nos embasamentos, mas também em paredes e na delimitação de estruturas e micro estruturas. A par da terra/argila é um dos elementos fundamentais da elaboração de Castanheiro do Vento. A pedra surge sempre como o primeiro material definidor do espaço na demarcação e enchimento de embasamentos, delimitação de estruturas, armação dos contrafortes e estruturação dos taludes.

Rampa pétreia monumental – ver **talude**.

Recinto – espaço ocupado por diferentes estruturas, e delimitado por vários muretes, que circunscreviam um ou mais espaços de circulação, e dividindo uma “parte interna” de uma “parte externa”. Uma observação relaciona-se com a existência de um ritmo “padronizado” nos elementos constituintes da planta geral do recinto de Castanheiro do Vento; segmentos de murete, estruturas sub-circulares, passagens, estruturas circulares, englobados numa ideia de linhas curvilíneas. Uma segunda observação, encontra um conjunto de espaços mais ou menos delimitados, quer os interiores das estruturas sub-circulares e circulares, quer áreas condicionadas pela utilização de pequenos troços de murete. Estas delimitações, ou melhor, estas condicionantes à circulação interna no sítio parecem promover uma espécie de metamorfose física de um espaço, multiplicadas por inúmeros sentidos, que continuamente se cruzavam e transformavam esse espaço.

Recinto secundário – o Recinto Secundário tem 88,8 m lineares construídos. A largura média é de 1,35, sendo a maior largura de 1,60 m e a menor 1,10 m. Foram identificadas duas passagens e dois “bastiões”. Na sua linha definidora, a Oeste, incorpora uma estrutura circular (Ec14). Tem igualmente dois pequenos muretes definidores de um pequeno espaço a Sudoeste.

Sistema de contrafortagem – sistema detectado em várias áreas da escavação arqueológica que só pode ser definido através da sua variabilidade. O denominador comum é a

imbricação e a utilização dos mesmos elementos de configuração; pedra e terra/argila. Os locais onde foi descoberto revela uma única acção de estruturação, isto é, denota um gesto “construtivo” único. Outra característica importante é a sua relação com as estruturas tipo talude e com um certo aspecto monumental que daria ao sítio.

Talude – os taludes são estruturas definidas em pendente que se organizam em rampas com sucessivos alinhamentos ou contínuos ou descontínuos, ou mesmo muretes, embalados em argila. Provavelmente circundavam as encostas sobranceiras ao sítio arqueológico. Pode ser que estivessem articuladas com outro tipo de estruturas (rampas, estruturas de tipo sub-circular, entre outras). No estado actual da intervenção, apenas se detectaram quatro áreas com este tipo de estruturas, que apenas se conhece bem em Castelo Velho de Freixo de Numão. Por vezes são componentes do sistema de contrafortagem, que integra lajes apoiadas a um muro, segurando-o directamente, e um conjunto maciço de pedras construído de encontro à face externa dos alinhamentos, de forma a garantir solidez aos mesmos.

Terra – elemento configurativo do sítio. A terra surge, não definindo propriamente um espaço, mas sim completando-o, enchendo-o. A utilização da terra/argila tem sido definida como elemento nivelador, colmatando fissuras do substrato geológico, enchendo estruturas, ligando os elementos constituintes dos muros, muretes, “bastiões”, estruturas circulares, revestindo as estruturas, moldando, quando utilizada fresca e elevando super estruturas.

Torre pequena – estrutura pétreia, maciça, de morfologia sub-circular, integrada no murete 1. É a única estrutura deste tipo encontrada até hoje (junto ao “bastião” D).

Torre Principal – a Torre Principal é a maior estrutura de tipo circular detectada em Castanheiro do Vento. Possui uma forma sub-circular e os seus eixos definem uma área entre a face externa do eixo Norte / Sul e a face externa do eixo Este / Oeste de 103,4m². Os elementos componentes da sua elaboração são o xisto, o granito e a terra.

Até ao momento não se detectou quartzo como componente. A terra argilosa, nesta estrutura, torna-se bastante difícil de apreender. A razão principal prende-se com os intensos processos pós-deposicionais que sofreu; “violação” do seu interior e trabalhos agrícolas.



Fig.1: "Bastiões" A e B incorporados no mesmo murete (M1) e muro de ligação.

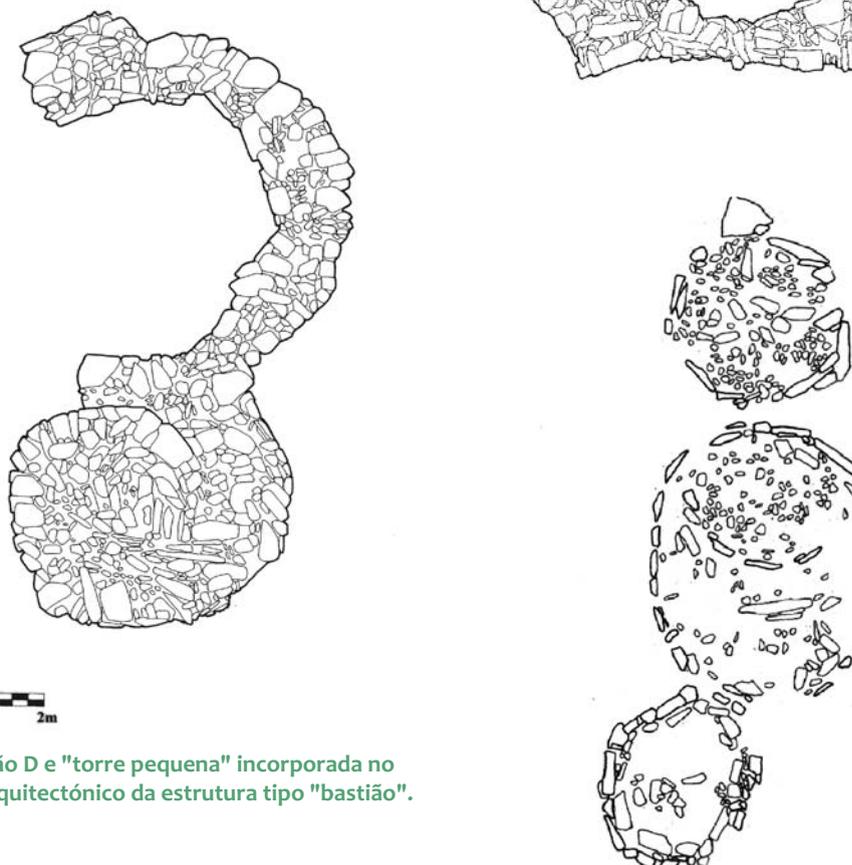


Fig.2: Bastião D e "torre pequena" incorporada no desenho arquitectónico da estrutura tipo "bastião".



Fig.3: Estruturas circulares geminadas 16, 17 e 18.

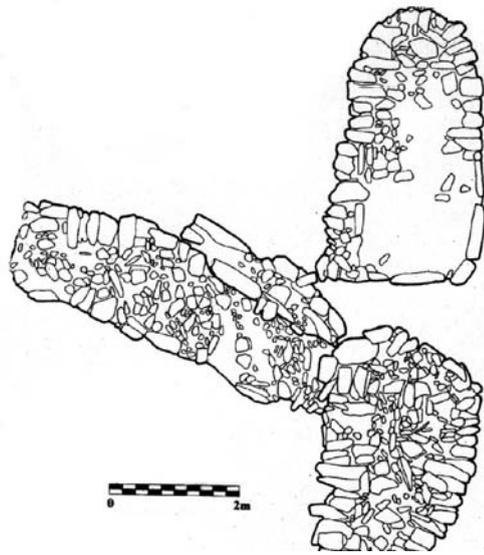


Fig.4: Passagem 6 e sua oclusão através da construção de um adossamento ao muro que orientava a passagem.



Fig.6: "Torre Principal". É visível a transformação desta estrutura. Foi construída como um "bastião" e depois sofreu alterações posteriores que levou à passagem a um espaço circunscrito e depois ocluído.

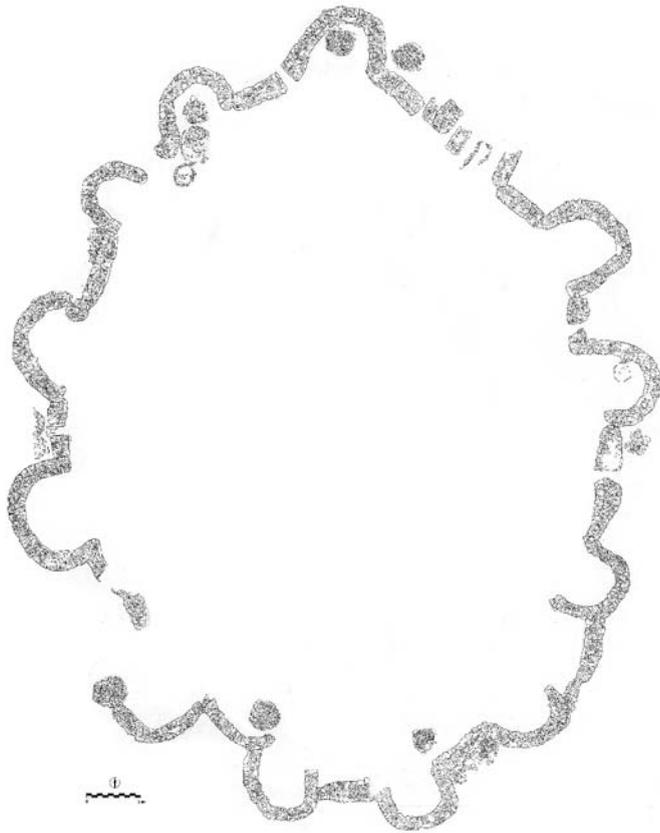


Fig.5: Murete 2. Deixou-se nesta planta algumas estruturas circulares para melhor se perceber a ocupação do espaço junto a este murete. A escala representa 5m.

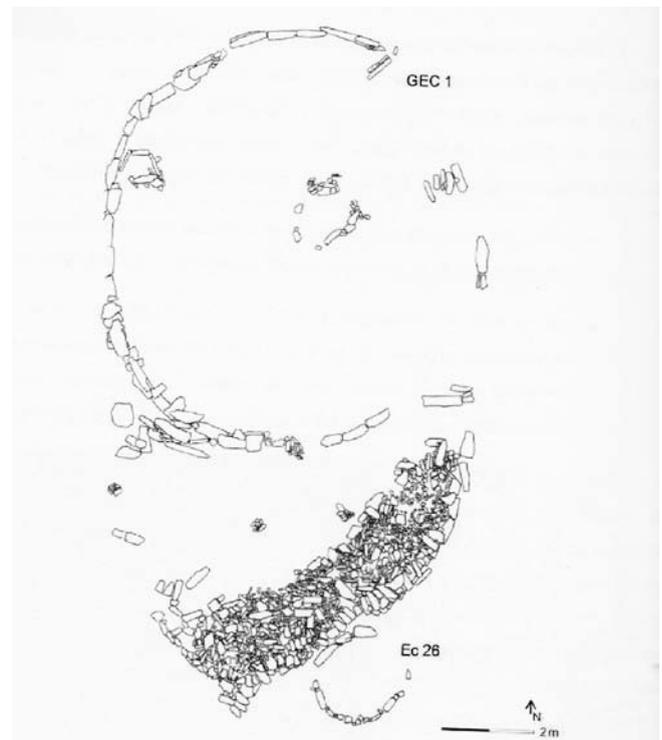


Fig.7: Grande estrutura circular 1, troço do murete 2 e estrutura circular 26 (Vale 2011:272)

Bibliografia

CARDOSO, João Muralha (2014), “Das Técnicas de Construção à Arquitectura. Algumas notas”, *Almadan online*, II série, nº19, tomo I, pp. 6-24.

CARDOSO, João Muralha (2012), “Castanheiro do Vento: uma historiografia de percursos interpretativos” in *Discursos em Arqueologia. Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge* editado por M. de Jesus Sanches, J.P. Cunha-Ribeiro e A. Monteiro-Rodrigues, Porto/Coimbra, CEAUCP, pp. 67-94

CARDOSO, João Muralha (2010), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, *Vessants Arqueologia i Cultura*.

JORGE, Susana Oliveira Jorge (2005), *O Passado é Redondo, Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Biblioteca de Arqueologia, Porto, Edições Afrontamento.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005a), “Morfologia Construtiva do Recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação””, *Almadan*, II série, nº13, pp. 25-35.

JORGE, Vítor, CARDOSO, VALE, VELHO e PEREIRA (2006), "Copper age monumentalized hills of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretatives ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results os a research experience in the NE of Portugal", *Journal of Iberian Archaeology*, vol:8, Porto, ADECAP, pp. 203-264.

VALE, Ana Margarida, (2011), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em Arqueologia, Porto, edição policopiada.